

HELVÉCIO RATTON E O CINEMA BRASILEIRO

Jailson Dias Carvalho*

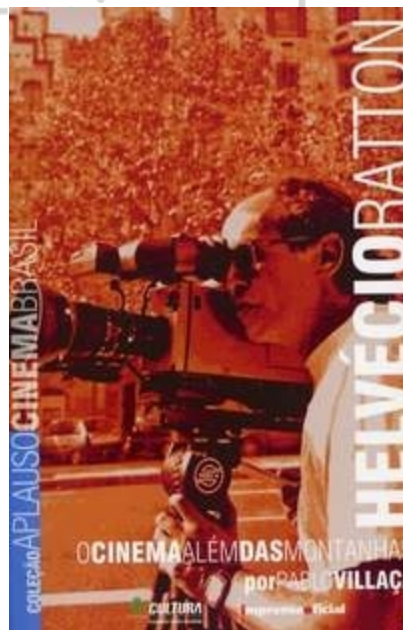
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

carvalho_jailson@yahoo.com.br

O verbete Helvécio Ratton que pode ser lido na Enciclopédia do Cinema Brasileiro¹ registra que esse cineasta seria responsável pelas obras infanto-juvenis mais elogiadas do cinema nacional nos anos oitenta e noventa: **A Dança dos Bonecos**, (1986) e **Menino Maluquinho** (1995).

Em rápida pesquisa sobre esse cineasta no banco de dados do CNPq, pode-se observar que os profissionais das áreas de letras e psicologia são os mais interessados em suas obras filmicas, sobretudo, o **Menino Maluquinho** e o curta-metragem **Em Nome da Razão**. Nessas obras, notamos temas relacionados à psicologia, que o cineasta põe em foco quando relata a infância, a inocência, os brinquedos e, no caso do curta-metragem, pela denúncia dos manicômios e da condição sub-humana dos internos nessas instituições encarregadas de “curá-los”.

Talvez Helvécio Ratton seja muito mais que um realizador de obras cinematográficas ligadas ao universo infantil. Em **Helvécio Ratton: o cinema além das montanhas**, livro-depoimento captado pelo jornalista Pablo Villaça, veremos: um cineasta inquieto frente aos problemas do



* Professor de História da rede pública de ensino de Uberlândia. Mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

¹ RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe. (Orgs.). **Enciclopédia do cinema Brasileiro**. São Paulo: Editora do Senac, 2000.

indivíduo (filmes como **Em Nome da Razão**, 1980, e **Vida de Rua**, 1991); atento à literatura (**João Rosa**, 1982; **Elixir do Pagé**, 1989; **Amor & Cia**, 1998); perspicaz quanto à política (**Batismo de Sangue**, 2007) e profundamente conhecedor do fazer cinematográfico.

Na verdade, não é possível ler esse livro e deixar de imaginar um roteiro cinematográfico, cujo personagem central da história seja o próprio Helvécio Ratton. Roteiro cinematográfico de uma vida cheia de aventuras, peripécias e peraltices.

A estrutura do livro-depoimento-roteiro compreende duas partes. A Parte 1 apresenta 10 capítulos e é intitulada “As Circunstâncias”. Ela inclui um Prólogo e uma Introdução. E a Parte 2, cujo título é “O Cinema”, possui 35 capítulos, um Epílogo, uma Cronologia acerca das obras produzidas pelo cineasta, as premiações recebidas pelos filmes e uma pequena filmografia com os créditos dos participantes das películas.

Nosso roteiro começa com Helvécio Ratton em um avião sobrevoando o céu azul do Rio de Janeiro dias antes do final de 1973. Helvécio voltava de um exílio no



Chile, país que sofrera em setembro daquele ano um golpe de estado que havia derrubado o governo popular de Salvador Allende. O cineasta trazia na mala um trunfo. Era uma carta para o Presidente da República do Brasil, escrita por um general chileno, também prefeito de um dos bairros de Santiago e muito próximo de Garrastazu Médici, no período em que os dois generais moraram em Washington.

Além disso, trazia consigo outro documento que comprovava a prescrição de uma pena cometida no Brasil, obviamente, por participar em atividades políticas ligadas à organização COLINA (Comando de Libertação Nacional).

Essa agremiação se dividira durante a ditadura militar brasileira entre o componente político, que militava entre os estudantes e operários, e o componente militar, formado por indivíduos ligados às ações armadas. Não havia o que temer, não é mesmo? Suspense. Uma música de Tom Jobim é ouvida no avião que pousa no Galeão. Instantes depois do pouso, o piloto leva a aeronave para um local distante da pista e, logo após descer do avião, Helvécio e sua esposa são presos.

Helvécio permaneceria na “geladeira” por 40 dias e sua esposa seria solta horas depois. As “geladeiras” eram celas inspiradas em modelos feitos na Inglaterra e utilizadas pelas autoridades britânicas para encarcerar membros do IRA (Exército Republicano Irlandês). Essas celas não deixavam vestígios de torturas nos encarcerados. Elas eram completamente brancas ou negras e os prisioneiros podiam ficar sempre sob luz fortíssima ou totalmente na escuridão, perdendo assim a noção do tempo e, até mesmo, a lucidez.

A primeira fase da infância de Helvécio foi vivida em cidades como Divinópolis, Peçanha e Belo Horizonte, sendo que o primeiro contato com a Sétima Arte deu-se com os cartazes que anunciavam os filmes semanais a serem exibidos nessas regiões. O cinema entra aos poucos em sua vida; porém, as vivências de sua infância serão retomadas tempos depois no sucesso de bilheteria **Menino Maluquinho**. Nesse filme, estão presentes os carrinhos-de-rolimã, o jogo de bente-altas, a mesa farta de doces.

Diga-se, de passagem, que Helvécio Rattton teve um amadurecimento precoce, embora fosse o mais novo de todos os seus irmãos. A experiência dos irmãos o levou para a política e a política, anos depois, trouxe consigo o cinema.

H. Rattton entrou para a universidade, cursando economia na UFMG. Em seguida, passou a ser militante na agremiação política COLINA e, em pouco tempo, já estava na clandestinidade, viajando para o Rio de Janeiro. O ano em foco é 1969 e a organização à qual pertencia Rattton havia se juntado a outras facções, formando a VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares).

Em sua permanência no Rio de Janeiro, Rattton ficou encarregado do transporte para Brasília de 2,8 milhões de dólares provenientes de um assalto. O cerco à sua pessoa apertava cada vez mais, à medida que os locais por onde passava eram descobertos ou “estourados”. Era preciso fugir.

A ditadura mais “dura”, por assim dizer, estava no auge. Prisões, notícias de torturas e assassinatos eram freqüentes entre aqueles que participavam da luta aberta contra a ditadura e foi, neste momento, que surgiu em Helvécio a idéia de deixar o Brasil e a organização política.

A sua fuga é pontuada de aventuras e de muita sorte. Inicialmente, parte para o Paraguai em um avião de um contrabandista de mercadorias importadas. Chegando lá, conhece um traficante de drogas. Para não ser identificado e viajar para outro país,

assume estar interessado em comprar drogas e consegue comprar uma passagem para o Peru, e de lá parte para o Chile.

É no Chile que estabeleceu uma relação mais profissional com o cinema, pois foi contratado para trabalhar na Chile Films. Nessa empresa, executa as funções de cenografista, assistente de direção, produtor executivo e roteirista. A experiência na Chile Films foi uma escola prática de cinema que terminou com o golpe militar contra Allende e proporcionou retorno mais rápido de Helvécio para o Brasil.

Já em solo brasileiro, e depois de passar pela “geladeira”, Helvécio Ratton decide cursar psicologia e, após concluir o curso, o cinema “entra” com força em sua vida. Sua atenção volta-se para o indivíduo, mais precisamente para os internos do hospício de Barbacena. Um verdadeiro pátio de horrores que precisava ser denunciado: os pacientes caminhavam quase nus, o cheiro de excremento estava por toda parte, a lobotomia era uma rotina assim como os eletrochoques. O resultado foi o seu curta-metragem **Em Nome da Razão**. E, sem dúvida nenhuma, esse filme foi um verdadeiro sucesso. Ganhou o mundo, vários prêmios internacionais e nacionais, além de denunciar como os indivíduos eram tratados dentro dos hospícios brasileiros. O filme de Ratton estabeleceu um “divisor de águas” na luta antimanicomial no Brasil.

A experiência amadureceu Helvécio Ratton e contribuiu para que o cinema firmasse de vez em sua vida. Logo, apareceu a obra **João Rosa** com entrevistas feitas com Manuelzão, um dos personagens de Guimarães Rosa e, no final da década de oitenta, surgiu **O Elixir do Pagé**, baseado no livro de Bernardo Guimarães. Entretanto, ainda eram trabalhos restritos do ponto de vista da sua exibição, pois eram filmes de curta-metragem.

O sucesso de público adveio, de fato, com **Menino Maluquinho**, segundo longa do diretor, filme inspirado no personagem de Ziraldo. A realização do filme envolveu enorme esquema de produção. A trajetória de Helvécio Ratton na Chile Films e os inúmeros curtas que realizou desde então foram fundamentais na finalização de **Menino Maluquinho**. Mas o melhor ainda estava por vir.

Existe uma inquietude entre alguns em relação à mineiridade. E o senso comum diria que o mineiro teria desenvolvido trejeitos e comportamentos diferenciados, tais como a fala mansa, o olhar desconfiado e as coisas em sua vida não aconteceriam de maneira explícita e sim “por baixo do pano”. Esse universo mineiro, na visão do cineasta, também está presente no texto de Eça de Queiroz **Alves de Cia**.

Texto inacabado do escritor português. Na verdade, trata-se de uma história sobre um triângulo amoroso. Será que houve mesmo uma traição? Esse é o tema de **Amor e Cia**.

Amor e Cia foi rodado em São João del Rei, que representou a Lisboa do século XIX, e envolveu trabalhos de pesquisa e logística impressionantes, visto que as intervenções que a produção do filme exigiu mexeu com toda a cidade. Havia vezes que a cidade parava para que alguns planos fossem realizados no centro. Essa acuidade na produção e o trabalho dos atores Marco Nanini e Patrícia Pilar contribuíram para que o filme fosse um sucesso de crítica.

Conforme já foi dito acima, a política levou Helvécio Ratton para o cinema e o cinema começa a entender um pouco mais da política dos anos 1960 e 1970.

Vários militantes católicos participaram ativamente da luta contra a ditadura militar no Brasil. Isso é de conhecimento de muitas pessoas. Aquilo que o cinema brasileiro ainda não havia mostrado era um grupo de padres católicos que apoiou alguns membros de organizações políticas brasileiras, tais como Carlos Marighela, da ALN (Ação Libertadora Nacional).

Esse apoio incluía o transporte de militantes para alguns estados brasileiros, entregas de malas recheadas de dinheiro para membros da organização, proteção aos envolvidos nas ações revolucionárias e muito mais. Tudo isso está presente no filme **Batismo de Sangue**, que retrata com mais verossimilhança a tortura no Brasil.

Se estivermos certos ao relacionar este livro-depoimento a um roteiro cinematográfico da vida de Helvécio Ratton, então, teremos que concluir, citando o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, que dizia que nossa vida é um filme que só se monta na hora em que morremos. Ela, a morte, seria o primeiro (e último) corte no longo plano-seqüência da vida.

Há que se esperar bastante do cineasta Helvécio Ratton. O primeiro plano-seqüência do diretor; sentado no avião, palco de um possível roteiro sobre sua vida; é apenas um início de uma história que começamos a conhecer um pouco: a dos realizadores do cinema brasileiro. E iniciativas como essa, a Coleção Aplauso, merecem todo o nosso aplauso, de pé.